

---

## CRUELDADE, PERVERSIDADE E VIOLÊNCIA: UMA “VISÃO” DO NARRADOR NO CONTO “A LEI” DE ANDRÉ SANT’ANNA

Andre Rezende Benatti<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca analisar questões relativas à perversidade, crueldade e violência no conto “A Lei”, de André Sant’Anna, que integra a coletânea intitulada *Contos Cruéis*: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea, organizada por Rinaldo de Fernandes. Por meio da exposição “convulsiva” do narrador personagem somos levados a um mundo completamente violento, ao qual nos apresenta aos poucos, e conforme o narrador “ganha confiança” do leitor, se revela completamente, todavia sempre tendo consciência de que está em uma narrativa. Para tal leitura tomamos como base, para além de conceitos críticos e teóricos relativos à estética literária, também nos aportaremos em estudos relativos à perversidade, crueldade e violência, tais como *A parte obscura de nós mesmos*: uma história dos perversos, de Elisabeth Roudinesco, *La ética de la crueldad*, de José Ovejero, entre outros estudos. **Palavras-chave:** Perversidade; crueldade; violência; André Sant’Anna; narrador.

**Resumen:** Este artículo busca analizar cuestiones relativas a la perversidad, crueldad y violencia en el cuento *A Lei*, de André Sant’Anna, que integra la antología intitulada “Contos Cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea”, organizada por Rinaldo Fernandes. A través de la exposición “convulsiva” narrador personaje nos lleva a un mundo completamente violento al cual nos presenta gradualmente, y conforme el narrador nos “gana la confianza”, se revela por completo, pero siempre siendo consciente de que está en una narrativa. Para esta lectura tomamos como base, así como los conceptos críticos y teóricos relacionados con la estética literaria, también los estudios sobre la perversidad, crueldad e violencia, tales como “ *A parte obscura de nós mesmos*: uma história dos perversos,” Elisabeth Roudinesco, “*La ética de la crueldad*” de José Ovejero, entre otros estudios **Palabras-clave:** Perversidad; crueldad; violencia; André Sant’Anna; narrador.

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura Espanhola na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: andre\_benatti29@hotmail.com

A crueldade é uma constante na vida e natureza humana. Por cruel, em alguns dicionários, encontraremos um conceito que gira em torno de desumano, ou aquele que demonstra a maldade, mão de ferro, opressão. O que se satisfaz praticando o mal, maltratando, atormentando, molestando, ferindo, o que provoco horror, a repulsa, o sofrimento, a dor, seja ele de qual natureza for.

Desta forma ligamos a crueldade e a violência enquanto pertencentes ao ser humano. Portanto, nos cabe a pergunta: O que é a violência? Boa parte dos conceitos oriundos das ciências humanas, e nestes também se enquadra o conceito de violência, não há uma posição de certeza quando ao conceito, pois este depende do ponto de vista de que pratica ou recebe tal ação, logo a violência existirá ou não de acordo com quem narra um ou outro fato. Segundo com Jacque Leenhardt (1990, p. 13-14).

O que uns denominam de “manutenção da ordem”, outros vêem como uma manifestação legítima da violência. O que publicitários chamam de “livre informação do público”, outros denunciam como manipulação violenta dos cidadãos, transformados em consumidores alienados.

A palavra jamais compreende, portanto, duas experiências comparáveis porque representa, de qualquer forma, o significante flutuante de todo processo social antagônico.

Torna-se raro, portanto, que o poder fale de si próprio em termos de violência. O poder nunca se descreverá violento. De acordo com Vauvenargue apud Leenhardt (1990) “Não há violência, nem usurpação, que não se prevaleça da autorização de alguma lei”. Exatamente neste ponto nos interessa entrar no conto de André Sant’Anna, intitulado justamente “A Lei”, pois já no título nos deparamos com algo totalmente “permitido”, que, de alguma maneira não é violência, ou, se o for pode ser praticado.

Toda a narrativa de André Sant’Anna é desenvolvida em um único parágrafo, no qual o narrador vai aos poucos se revelando completamente perverso e cruel, brinca com a metalinguagem, as inovações de estilo e estrutura contística. O narrador sabe que está dentro de uma história criada por alguém (ele mesmo, talvez) e aos poucos se sente à vontade para reconhecer, perante o leitor, que ele é uma personagem e a posteriori permite a si próprio mostrar-se por completo. Narrado em primeira pessoa, temos a nítida impressão que estamos diante da personagem, que é burro e é da polícia, segundo ele próprio. E que ele está nos contando, com toda naturalidade possível e revelando-se aos poucos, sua própria perversão.

O vocábulo “perversão” tem sua origem no verbo latino *pervertere*, cujo significado fica as voltas de tornar-se perverso, desmoralizar, corromper, depravar, perverter, adulterar, desvio da “ordem natural” das coisas do mundo. Todavia a perversidade é diferente da neurose ou da psicose, ela seria a decorrência da falta de recalque.

Para Elisabeth Roudinesco (2008), “no que se refere à estrutura, denominação e significação, a perversão só foi estudada pelos psicanalistas”, todavia o que sabemos acerca da perversão já existe desde antes do surgimento da própria psicanálise. Daí o caráter polissêmico e antitético do termo.

[...] Demoníaco, amaldiçoado, criminoso, devasso, torturador, lascivo, fraudador, charlatão, delituoso, o pervertedor era em primeiro lugar uma criatura dúbia, atormentada pela figura do Diabo, mas ao mesmo tempo habitada por um ideal do bem que ele não cessava de destruir a fim de oferecer a Deus, seu senhor e seu carrasco, o espetáculo de seu próprio corpo reduzido a um dejetivo.

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. (ROUDINESCO, 2005, p.10-11)

A especialista liga a perversão, de acordo com Miranda (2013) a um “fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas”. Logo podemos compreender a dualidade da personagem de André Sant’Anna que a todo momento admite sua própria perversidade, mas coloca a culpa de assim o ser em outras pessoas ou situações.

Nós, essa polícia, só sabemos mesmo é dar porrada, é fazer tráfico de armas. Tráfico de drogas também. Nisso a gente até que é inteligente. Nós somos covardes demais. Mas nós não temos culpa. A gente nasceu pobre. A gente veio de uns lugares onde não tem a menor condição. (SANT’ANNA, 2006, p. 39)

De tal forma o narrador retira de si toda e qualquer culpa pelo que fez e virá a contar ao leitor. O jogo de palavras feitas pelo narrador desde o início do texto, no qual ele se apresenta ao leitor “Eu nunca percebi isso, mas eu sou muito burro [...] Eu não sei juntar as palavras e fazer com que essas palavras juntas ganhem sentido. [...] É que eu sou muito burro” (SANT’ANNA, 2006, p. 39) faz com que o mesmo leitor permita que ele vá, aos poucos, se revelando.

Sob o pano de fundo banalizado dos clichês de policiais corruptos e estereotipados, o narrador nos mostra cruamente um mundo traumático, cruel, intolerável, “[...] cria imagens conectadas à realidade, mas também desconectadas e artificiais, afetivas e frias, críticas e complacentes” (SCHOLLHAMMER, 2011, p.72-73). Assim Sant’Anna esclarece a representação da violência e da crueldade na literatura que, para Schollhammer (2011), nos previne de que estas manifestações ocorram na realidade empírica, da mesma maneira que indica a “realidade” presente em tais mostras.

Para José Ovejero (2012) a crueldade é sempre um grande espetáculo. O grande espetáculo que está posto como um reconhecimento e que é apresentado a um público passivo, salvo aqueles que ajudam o penitente a suportar sua dor, tornando-se assim não mais um espectador da crueldade do ato, mas um fiel a mais, como Madalena com Cristo cuja identificação se dá com Cristo crucificado para salvar a todos, portanto, a piedade pelo penitente (nunca esquecendo voluntário), permite que este “salve” também o público partícipe.

Como os leitores com a narrativa de Sant'Anna, que acompanham o sofrimento das vítimas do policial. A dor aqui é uma exibição, deve ser vista e apreciada pelo público/leitor. Mas tratando-se da contemporaneidade, o que se vê já não é mais um homem que necessite do sacrifício de animais ou o sacrifício próprio para agradar a um deus, ou para o descobrimento de determinado funcionamento patológico ou coisa que o valha, o que temos hoje é uma execução da crueldade humana como o intuito de satisfação própria, mas também emocionar o público, ou, salvo algumas exceções, de prezo ao valor estético.

O ato cruel contido na narrativa de Andre Sant'Anna, por exemplo, é uma representação, diferentemente do ato cruel em uma tourada, no qual uma das partes sempre sofre e a outra sente um prazer extremo, no conto de Sant'Anna há a participação de uma terceira parte.

[...] a gente, nós, os bandidos da polícia, burros, fazemos, na prática, na real, é uma parada de gostar mesmo, é uma parada na região genital mesmo, uma parada freudiana mesmo, entre o pau, a libido, e a sacanagem, e a maldade coisa que a gente sente, no pau, [...] dá um tesão na gente, que somos burros profissionais, dá um tesão que vai além da libido, as sexualidade. O tesão que a gente sente é o tesão da burrice, o tesão da maldade, do poder [...] Mas a gente, que é, que somos, animal, burros, sente mais tesão, mesmo, é quando a gente pode dar porrada em mulher. (SANT'ANNA, 2006, p.42)

A representação da crueldade exige o sofrimento, mas aqui o sofrimento do público. O leitor/espectador assiste a tudo mesclando rechaço e interesse, toda e qualquer cena lida ou assistida de crueldade tem a permissão e a participação passiva do leitor/espectador, quando se fecha os olhos ou o livro rechaçando o interesse pela crueldade ou quando se imagina para além do que está posto, participando ativamente da cena, como na citação acima “é uma parada de gostar mesmo” (SANT'ANNA, 2006, p.42). A crueldade extrema sempre é ligada ao sangue. O espectador/leitor sabe ou tem ideia do que vai encontrar a crueldade e a perversão na obra, mas isso o atrai (penitencia/participação). Crueldade e perversão conformistas.

Na contemporaneidade a violência e a crueldade adquiriram o status de entretenimento, e estar entretido significa não sentir, nem para o bem, nem para o mal. Significa deixar tudo passar sem que você aja de qualquer maneira, sem que se aprofunde em nada.

La literatura debe ser entretenida, afirman con frecuencia los propios escritores, y el público asiente. Que obligación mas rara; no debe ser profunda, sino entretenida. El mayor pecado de la literatura, dicen también, es aburrir. Sin embargo, a mi me gustan algunos libros que a ratos me aburren y a ratos me inquietan y sobre todo que a ratos me exigen trabajo. Porque he ahí el quid: lo que entretiene no exige esfuerzo; es inocuo, anodino, puede ser gracioso e ingenioso, ocurrente e incluso inteligente, quizá, en el mejor de los casos, provocar una emoción es-

tética, pero no debe costar trabajo. La literatura como laxante, que no haya que apretar. La literatura como soma, para que no se nos vaya a ocurrir ocupar la mente con algo desagradable o inquietante; no inquietante como un serial killer de mentirijillas, sino inquietante como algo que no nos deja seguir siendo como éramos antes de leer el libro, que nos saca de la cómoda horma en la que hemos ajustado nuestras vidas. (OVEJERO, 2012 p.36)

Substituímos o horror de encarar a vida real pelos pesadelos da vida ficcional, de qualquer possibilidade de ação que esta possa nos dar sem que nos comprometamos por mais que algumas horas, durante a exibição do filme ou a leitura do livro. Toda violência e crueldade tem uma aceitação fácil se é gratuita, descompromissada, quando não mais faz refletir, e sim é mero espetáculo atrativo de público.

Se a crueldade emociona, toca o ‘coração’ de seus leitores/espectadores ela é permitida, no entanto se ela é real, tratada como apenas um assunto a mais dentre tantos outros ela é rechaçada. A crueldade e a perversão estão dentro do ser humano, e se rebelam diante de um mundo de aparências, lutam por uma representação de um mundo real, no qual nem tudo é brilho e beleza, ou onde a beleza, no mínimo, não está de mãos dadas com a bondade.

(...) solo el autor cruel es plenamente contemporáneo, porque mientras los demás se dejan cegar por las luces del pasado del futuro o de una concepción ideal de su tiempo, el autor cruel mira la oscuridad de su época, se sumerge en ella, y la salva de ser ocultada tras los reflectores. Negar la oscuridad es negar el presente para refugiarse en algún paraíso que nunca se da aquí y ahora, que solo puede existir en un tiempo inalcanzable. (OVEJERO, 2012, p.86-87)

Um autor cruel, perverso, não oferece certidão, por que não chegou ao fundo da situação, pois não há fundo, e isso é, de alguma maneira, também cruel, a queda nunca termina, o cruel nunca termina, pois é algo humano. Assim, como afirma Ovejero (2012), na literatura cruel e perversa o leitor deixa de olhar a realidade para olhar-se a si próprio. Eis um dos motivos pelos quais, quando lemos e analisamos estas literaturas, percebemos que não há uma completa definição, um monde para seus personagens e que caracterizem essa literatura “(...) podrian ser cualquiera (de nosotros).” (OVEJERO, 2012, p.195).

Em “A Lei” a articulação da linguagem faz com que sob o banal e o irônico, na maneira como o narrador conta a história, se exponha a violência da contemporaneidade, uma violência animalasca, representada na narrativa pelas ações dos policiais com indivíduos que são zelosamente escolhidos da margem da sociedade. Grande parte da violência e da crueldade que assistimos no cinema ou lemos na literatura é puro entretenimento e existe para dar as cócegas que a vida já não nos produz, estamos, portanto, próximos delas, mas não demais a ponto de nos envolvermos com estas. Olhamos a morte, mas ninguém morre. Matamos por meio de outros e seguimos como se nada tivesse acontecido, assim não nos sentimos culpados por nosso impulso agressivo. “Somos voyeurs espiando por un agujero en la pared a los vecinos, que hacen el amor mientras nos masturbamos tristemente.” (OVEJERO, 2012, p.39). Tomados por este tipo de pensamento é quase lógico que uma literatura

como a de André Sant'anna nos cause choque e náuseas, pois reconhecemos seu narrador, ele está próximo a nós de maneira diferente da violência que nos é aproximada pela tela da TV.

Quando o narrador começa a sentir-se à vontade com o leitor, e vice-versa, ele, que até então se aproximou do leitor por meio de situações um tanto quanto cômicas, chamando a si próprio de burro, repetindo que nasceu em condições desfavoráveis, começa a revelar-se

“[...] quando pega um mendigo, desses acabados, esses que só estão esperando para morrer, esses que já desistiram de tudo, que come resto de sorvete misturado com bituca de cigarro, misturado com resto de cocô de fralda de criança, esses que já têm um monte de ferida espalhada pelo corpo, a cara toda inchada, o pé todo inchado, aí, então, a gente, os covardes, os burros, gostamos, no pau, na libido, de ficar chutando esse mendigo, gosta de ver ele, de o ver vomitando sangue, gritando muito no começo e depois indo perdendo a força, todo arreventado, até começar a gemer baixinho, a gemer quase morto, quase não sentindo mais nada, porque a gente faz ele, o bosta, o mendigo, o otário, não sentir mais nada e esse não sentir mais nada naquele bolo de carne e sangue e pinga é uma morte viva e ele, aquele troço desfigurado que a gente chuta na cara, gemendo, dá um tesão que vai além da libido, da sexualidade.[...]” (SANT'ANNA, 2006, p.42)

A partir deste ponto é que o narrador, que já seduziu, de alguma maneira, o leitor, mostra-se completamente perverso. A ânsia e podemos dizer o tesão ao contar seus atos fazem com que o narrador emende uma história na outra e acabe por dar ênfase naquilo que mais o atrai, ou seja, a própria crueldade com suas vítimas. A obsessão sexual do narrador exacerbasse cada vez mais. Ele reconhece a si próprio como um animal que busca satisfazer a todo custo seus anseios e desejos mais perversos.

Mas a gente, que é, que somos, animal, burros, sente mais tesão, mesmo, é quando a mulher é feia, é mendiga. Porque, nesse caso, tem a buceta também, onde a gente pode enfiar umas coisas, pode enfiar o cano do revólver, pode enfiar garrafa quebrada, pode enfiar faca, enfiar e tirar, enfiar e tirar, enfiar e tirar e ir rasgando tudo e fica saindo sangue e a gente, que é da polícia, fica rindo. E a risada que nós rimos vai ficando cada vez mais gutural, cada vez mais animal, e isso é o tesão que faz isso com nós, a polícia. É a libido. (SANT'ANNA, 2006, p.42)

O narrador sempre “culpa” de alguma forma a libido, como um instinto animalesco que necessita ser saciado. Todavia mesmo passando por um estado de êxtase ao contar seus atos perversamente libidinosos o narrador tem a consciência do crime que comete ao expor a escolha de suas vítimas. A relação existente entre a pobreza e a violência está impregnada no imaginário popular social do Brasil. No Conto de Andre Sant'Anna esta relação demonstra a vulnerabilidade pela qual passam pessoas que são para além de pobre, solitárias no mundo.

De vez em quando, até dá pra fazer essas porra com mulher que não é mendiga

também. É mais raro, mas rola também. Tem umas putas que são muito gostosas e são sozinhas no mundo, sem ninguém para protegê-las, para denunciar a gente. Aí, a gente, nós, aproveitamos, aproveita. (SANT’ANNA, 2006, p.42-43)

A proteção que o narrador comenta não haver em suas vítimas, não se trata de uma proteção masculina, por serem vítimas mulheres e prostitutas, e sim de uma proteção social. O Estado e a sociedade não olham, nem amparam de bom grado pessoas pobres e prostitutas. A inclusão desta categoria na malha social é mera fachada. As vítimas perfeitas do policial narrador do conto vivem no entre-lugar, lembrando o termo de Silviano Santiago. São pobres e sozinhas.

De acordo com Helena Maria Rodrigues Gonçalves (2004), o representar da violência e, mais precisamente, da crueldade e da perversidade na literatura se faz necessário pela própria banalização que o “tema” sofreu nas últimas décadas, em especial no começo do século XXI. Lembrando uma crônica de Oto Lara Rezende, Gonçalves afirma que “de tanto ver já não vemos”. E ainda afirma que este é o grande mal que a sociedade contemporânea padece, o não se importar, somos bombardeados por tantas informações violentas e cruéis todos os dias, que, de alguma maneira, tal condição vira rotina. O dia a dia é violento e nada podemos fazer senão aceitar.

No entanto, relembro Roland Barthes em *O Prazer do texto*, quando se trata de uma literatura que te permite a fruição que te retira de sua “zona de conforto”, aquele texto que, nas palavras de Barthes, te “põe em estado de perda aquele que desconforta [...] faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem” (BARTHES, 2002, p. 20-21) nos retira do estado de banalização. A partir de determinadas formas narrativas que se utilizam da perversão e da crueldade, passamos, de alguma maneira a nos importar. O texto de André Sant’anna nos retira do cotidiano violento e imperceptível de nosso dia a dia para nos jogar de frente a uma realidade perversa. Ao assistirmos a um telejornal que conta histórias semelhantes à de Sant’anna não criamos as imagens já prontas da tela, apenas a recebemos, espectadores. Todavia ao lermos nos colocamos diante do narrador-personagem que conta exclusivamente a nós suas perversões, sua crueldade, pois assim o permitimos fazer, nos contar.

A gente, polícia, é burro, mas tem imaginação. Você já enfiou um livro no cu de alguém. Eu já, que eu sou da polícia e enfiou uma lista telefônica no cu de uma putinha, uma vez. Era menina ainda, uma dessas Paraíba, menor de idade, dessas que chegam aqui no Rio com motorista de caminhão, dessas que não têm carteira de identidade, certidão de nascimento, pai, mãe, infância e, depois de passar pela mão da gente, não têm nem mais cu, só um buracão cheio de sangue e cocô e umas gosmas amarelas, uns negócios meio nojentos que saem de dentro do intestino. O segredo é ir alargando o intestino da criança aos poucos. A gente, que é da polícia, primeiro enfia um pau, pau mesmo, depois, o cano de revólver, depois, um cabo de vassoura, depois uma peixeira, depois, rasga, aí vai enfiando o que tiver à mão – e esse acento grave não é coisa de polícia – aí tem uma hora que cabe

qualquer negócio, qualquer troço. (SANT'ANNA, 2006, p.43)

A cena descrita acima pelo narrador faz com que o leitor crie todas as imagens narradas, e ainda participe da cena, o que notadamente incomoda o leitor, principalmente o leitor mais desavisado, não acostumado à absorver, e talvez participar, da mesma crueldade que recebe de “braços abertos” todos os dias pela televisão. A literatura, neste caso, incomoda, retira o leitor de seu conforto, o torna parte da sociedade que o circunda.

A perspicácia do narrador é sempre nítida, e seu jogo de manipulação sobre o leitor fica claro. A todo momento volta a lembrança de que é uma personagem, de que foi criado, de que toda sua maldade e crueldade não passam de mera invenção, comparando-se a personagem de televisão, dizendo que é apenas uma parte necessária da literatura, um artifício.

Eu sou burro, porque eu sou da polícia, mas eu não sou o mais burro de todos, porque eu sou uma primeira pessoa que nunca se dá mal nessas porra de metalinguagem, mau, porque esses negócio de os maus se darem mal no final da história é meio babaca, nem em novela de televisão os maus se dão mal no final mais e a porra da metalinguagem, da primeira pessoa de vanguarda, essas porra, quer dar uma lição nessa porra de sociedade injusta que premia os injusto, a mais valia, a metalinguagem, os artifícios, as conquistas da literatura contemporânea, as vanguardas, o hiper-hiper realismo, essas porra. (SANT'ANNA, 2006, 44-45)

No entanto, ao entrar na finalização do conto o narrador se desprende de toda culpa por seus atos. A culpa, nas palavras do próprio narrador, é da sociedade, que deu poder a ele, que o chamou de representante da lei. Todos seus atos tem o respaldo social, tudo o que ele faz é para manter a sociedade da maneira que está.

A culpa é da sociedade. Eles, você, eu, essas porra, a sociedade civil é que paga o meu revolver que é pra eu proteger ela, a sociedade, contra esses maconheiros, esses que usam drogas, que fumam maconha, ficam doidões e saem por aí matando as pessoas, fazendo coisas proibidas e nós, os completamente burros, temos a obrigação de proteger a sociedade contra essas porra de maconheiros que estão destruindo tudo, gerando violência e eles precisam ser mortos, pelos direitos humanos, esses direitos humanos que nós, que enviamos garradas quebradas nas bucetas dessas vagabundas maconheiras não temos. [...] Por isso é que nós, a polícia da sociedade, a lei, de vez em quando, pega um moleque desses, um desses adolescentes maconheiros, que usam drogas, e dá um sumiço neles, fica a noite inteira dando porrada, chutando a cara do maconheiro, enfiando coisas no cu do maconheiro, com o pau duro [...] Quem mandou não obedecer a lei? (SANT'ANNA, 2006, 45-46)

Com um narrador mais que perspicaz que atinge seu leitor em cheio, André Sant'anna finaliza seu conto deixando o leitor com a nítida impressão de fazer parte de todas as atrocidades que o narrador conta. Ele, o narrador-personagem que a todo momento repete que

é “burro da polícia”, teve para além do “aval” do próprio leitor que, seduzido no início da narrativa, permitiu-se ser conduzido a toda cena de crueldade representada, como da sociedade a qual representa. Ele é a lei, e a lei deve ser cumprida.

Banalizada no dia a dia, repensada pela literatura, a violência e a crueldade representadas pelo conto de André Sant’anna sempre retoma a incômoda pergunta que a narrativa do conto A Lei nos traz, ao fim e ao cabo, questiona sobre a própria vigência social que “institucionaliza” a violência, a crueldade, por meio do “poder” dado a determinados seres sociais. O homem consegue viver em sociedade sem violências?

“A violência é um aspecto inevitável da história, mas secundário e derivado. Não é o emprego da violência que produz as transformações sociais, são as transformações sociais que passam pela violência.” (MICHAUD, 2001, p. 96). Se há transformações no meio social que passam pela violência, há também transformações pessoais que também passam por esta: “[...] de um lado, o termo ‘violência’ designa fatos e ações; de outro, designa uma maneira de ser da força, do sentimento ou de um elemento natural – violência de uma paixão ou da natureza” (MICHAUD, 2001, p. 7). O narrador de Sant’anna representa ambas as naturezas violentas, tanto a social que dá a ele o poder de decidir o que é a “lei”, quando a pessoal que faz com ele que e satisfaça a si próprio, à sua própria perversidade.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg, 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEENHART, Jacques. O que se pode dizer da violência? In.: LINS, Ronaldo Lima. *Violência e literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MICHAUD, Yves. *A violência*. Trad. L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

MIRANDA, Alex Barbosa Sobreira. *Um Estudo sobre o Conceito de Perversão*. UESPI – Teresina, PI, 2013.

OVEJERO, Jose. *La ética de la crueldad*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2012

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SANT’ANNA, André. A lei. In: In: FERNANDES, Rinaldo (org). *Contos Cruéis: as narrativas mais violentas da literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção Brasileira Contemporânea*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

